

GENTE DA TERRA

Os habitantes do Brasil da literatura portuguesa de viagens no início do XVI

Virgínia Boechat¹

(Capes, proc. 2117-14-2)

Resumo

O presente estudo procura apresentar a imagem dos habitantes das terras que mais tarde seriam as do Brasil tal como é descrita pela literatura portuguesa de viagens na primeira década do século XVI.

Palavras-Chave

Literatura de Viagens; Identidade Brasileira; Alteridade; Descobrimientos; Carta de Pero Vaz de Caminha; Carta de Mestre João; Relação do Piloto Anônimo.

Résumé

Cet article propose d'exposer l'image des habitants de ce qui deviendra plus tard le Brésil, telle qu'elle est décrite dans la littérature portugaise de voyage à la première décennie du XVIème siècle.

Mots -Clés

Littérature de Voyage; Identité Brésilienne; Altérité; Découvertes Maritimes; Lettre de Pero Vaz de Caminha; Lettre de Mestre João; Récit du Pilote Anonyme.

Dos três escritos considerados testemunhais da chegada da frota de Pedro Álvares Cabral à costa brasileira no ano de 1500,² a *Carta de Mestre João* é

¹ Este artigo é parte da pesquisa intitulada “O ‘brasileiro’ na literatura portuguesa de viagens dos séculos XVI e XVII”, desenvolvida na Universidade de Aveiro, Portugal, entre 2014 e 2016, sob supervisão do Prof. Doutor António Manuel Ferreira, com bolsa de Pesquisa Pós-Doutoral da Capes.

² Aqui não nos referimos ao conceito de *literatura de testemunho*, relacionado à escrita, exclusão social, reclusão, violência e resistência, tendo principalmente o holocausto e, por vezes, os sofrimentos decorrentes da colonização como referências centrais. Se aqui, por outro lado, tratamos de escritos colonizadores, a ideia de serem testemunhais é válida apenas enquanto documentos a serem considerados fontes primárias, em que valeria a ideia da existência de um referencial para seu discurso; mesmo assim isso pode e deve ser discutido e discutível. Importa serem considerados testemunhais, porque assim como os escritos de testemunho, conduzem ao questionamento da fronteira entre historiografia e literatura, mas sobretudo, interessam pelo fato de inaugurarem, para nossos dias, uma cadeia histórica-antropológica-científica-literária de informações sobre a terra e a gente do Brasil, e não apenas pelo virtual vínculo da obra com uma eventual experiência.

o único que não se propõe a fazer uma descrição da terra ou dos seres humanos ali encontrados. É endereçada ao rei português, D. Manuel, e permaneceu por muito tempo inédita e desconhecida do público e de outros autores, até ser incluída numa publicação, em 1843, por Francisco Adolfo Varnhagen.³ Nessa correspondência é perceptível uma maior preocupação do bacharel em arte e medicina, físico e cirurgião real, em fornecer a localização da terra encontrada, e relatar as dificuldades e os resultados das medições náuticas, incluindo dados geográficos e astronômicos, recolhidos durante aquela parte da viagem. O autor procura então apresentar ao seu destinatário a constelação da Cruz, hoje conhecida como *Cruzeiro do Sul*, observada no trajeto marítimo e desenhada na própria folha de seu relato. Em meio a esse documento de maior cunho técnico, consta apenas uma breve menção que sugere o contato com os ameríndios, mas nessa curta narração nenhum termo é utilizado por mestre João para os nomear, descrever, caracterizar ou ajuizar, nenhum nome lhes faz menção, e essa gritante ausência é preenchida apenas pelos pronomes, *eles, os*, em referência aos habitantes do local: “(...) e que de outra ilha vêm aqui almadias a pelejar com eles e os levam cativos”⁴ (Mestre João, 2000, p. 36). Ao mencionar o possível conhecimento prévio da localização daquela costa, aludindo ao controverso mapa de Pero Vaz ‘Bisagudo’, o bacharel deixa claro, entretanto, que “aquele mapa-mundi não certifica esta terra ser habitada ou não” (p. 36).⁵

³ “Este autor publicou-o [a Carta de Mestre João] pela primeira vez na *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo V, n. 19, 1843, pp. 342-344.” (nota 201, Garcia, 2000, p. 35). Acredita-se ser de autoria de João Farras, apesar de algumas outras atribuições. Farras era “um espanhol que anteriormente tinha preparado uma tradução castelhana, com alguns portuguesismos, da obra *De situ Orbis* de Pompônio Mela, cujo manuscrito foi anotado por Duarte Pacheco Pereira. Neste volume apresenta-se como ‘mestre Joan Faras, bacharel em artes y medicina, físico y sororgiano dell muj alto Rey de Portugall Dom Manuel’, expressões que coincidem com aquelas que estão registradas na carta” (Garcia, 2000, p. 35).

⁴ “(...) e que de otra ysla vyenen aqui almadjas a pelear con ellos, e los llevan catjvos.” (Mestre João, 1994, p. 143)

⁵ “en pero, aquel napamunj non çertifica esta tierra ser habytada, o no.” (Mestre João, 1994, p. 143).

Os outros dois escritos ligados àquela mesma expedição manifestam uma eminente preocupação de narrar um momento de achamento, os acontecimentos durante a permanência da armada naquela costa e de criar em texto uma imagem rica e detalhada da terra e dessa que é caracterizada desde o início como uma imprevista população originária ali encontrada. Tendo permanecido por séculos ignota, copiada no final do XVIII a mando de José de Seabra da Silva, e publicada apenas no século XIX pelo pe. Aires de Casal,⁶ tornando-se a partir de sua divulgação o mais ilustre documento relativo aos eventos daquela viagem, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*,⁷ também endereçada ao rei D. Manuel, é minuciosa em criar uma narrativa de descobrimento, em descrever a terra, os homens e mulheres que ali habitam, e também em relatar o processo de interação entre os tripulantes da armada e essa população originária. A *Carta* tem seu enredo estruturado em uma parte dos dias de permanência naquele litoral, como uma espécie de diário. Já a *Relação do piloto anónimo*,⁸ que foi publicada pela primeira vez em 1507 em italiano, na coletânea de Fracanzano de Montalboddo intitulada *Paesi novamente ritrovati*, obtendo, a partir de então, larga divulgação em diversas línguas e países, é mais concisa na parte dedicada ao tempo de estada da frota nas terras brasileiras. Não é composta como correspondência ao monarca português, mas como narração daquela segunda expedição lusa à Índia, incluindo o

⁶ “Este documento não foi utilizado por qualquer autor antes de José de Seabra da Silva o ter mandado copiar na Torre do Tombo em 19 de Fevereiro de 1773. A sua divulgação, contudo, iniciou-se apenas em 1817, data em que foi impresso pela primeira vez no Rio de Janeiro pelo padre Manuel Aires de Casal, que, para fazer a sua edição, se baseou na cópia da carta que se encontrava no então Arquivo Real da Marinha do Rio de Janeiro. Na primeira publicação deste documento, além de vários erros de leitura, também algumas passagens consideradas menos próprias foram censuradas. A primeira versão integral da carta foi publicada em Lisboa em 1826, de acordo com o original da Torre do Tombo.” (Garcia 2000, p. 18)

⁷ Pero Vaz de Caminha foi designado para ser escrivão da feitoria a ser instalada em Calecute e por isso acompanhava aquela segunda, bem aparelhada e suntuosa expedição portuguesa à Índia, comandada por Cabral.

⁸ Não foi escrita por um piloto, mas decidimos manter como referência esse título que foi consagrado a partir da sua segunda publicação em italiano, de Giovanni Battista Ramusio, 1550.

trajeto até o Brasil, depois o percurso até Calecute, com descrição de lugares visitados e dessa cidade onde seria instalada uma feitoria.

Cada qual com sua própria organização e objetivos, mas com consideráveis pontos de convergência, a *Carta* e a *Relação* constroem relatos que nos expõem de alguma maneira o prazer e a celebração do encontro pelo lado europeu, e também a admiração de olhares que propõem a si mesmos como inaugurais de uma relação com um espaço e sua gente. Como integrantes do subgênero da literatura de viagens, sua cosmovisão é, contudo, inevitavelmente europeia (cf. Cristóvão, 2002, p. 35), e, assim, cristã, mercantil, expansionista. *Caminha*, inclusive, já constrói a sua narrativa, as ações e interações entre os ameríndios e os navegadores da frota de Cabral, de modo a fornecer sugestões ao rei, produzir juízos e reflexões voltados a transparecer um contato pacífico, realçar a possibilidade de evangelização, sugerir estratégias de dominação, aludir aos possíveis lucros com metais preciosos que ali eventualmente poderiam ser encontrados. É nesse sentido que, em meio à descrição dos homens e da terra, o escrivão conta-nos sobre decisões, por exemplo, tomadas pelos comandos da frota para *melhor os amansar, para não criar tumulto*, e traz considerações sobre a perceptível facilidade e importância de os *civilizar* e os *salvar*.

Na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, os habitantes que os tripulantes da armada encontram, que hoje sabemos serem os Tupiniquim, não estão ainda caracterizados como *índios*, não há em todo o seu texto qualquer utilização desse vocábulo, ou de qualquer outro dele derivado. Nem é estabelecida uma eventual identificação direta desses homens e mulheres com os povos contactados na América Central, que Colombo ainda acreditava serem parte

do Oriente, genericamente referido por *Índias*.⁹ Aliás, nem podia interessar tal conexão entre a costa na qual aporta a armada portuguesa e as ilhas da América Central, já que estas eram terras que oficialmente estavam sob o domínio de Castela, conforme estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas poucos anos antes. Como já nos referimos em um estudo anterior,¹⁰ os habitantes daquela costa não são ainda *índios*, e também não são nomeados de maneira similar a quaisquer outros povos não cristãos já conhecidos dos europeus; não são ainda *infieis*, *gentios*, *bárbaros*, *selvagens*. Apenas em um momento Caminha critica a *berberia* deles, ao se referir especificamente ao enorme barulho que fazem, segundo ele, estorvando a possibilidade de comunicação.¹¹

Em sua apresentação daquela população, o escrivão situa a primeira aparição, na carta, na data de 23 de abril: “houvemos vista de homens, que andavam pela praia, obra de 7 ou 8” (Caminha, 2000, p. 19).¹² Mais tarde, no mesmo dia, quando do envio de Nicolau Coelho à terra em um batel, relata que “acudiram pela praia homens, quando dous quando três” e que logo estão ali “18 ou 20 homens pardos, todos nus” (p. 19).¹³ Mais ao norte na costa, no dia seguinte, narra que avistam junto a um rio “obra de 60 ou 70 homens, que se juntaram ali poucos e poucos” (p. 20).¹⁴ É ainda nesse dia, 24 de abril, que

⁹ As cartas de italianos, no ano seguinte, quando a expedição retorna da Índia a Lisboa, já indicariam a continentalidade da costa brasileira e a ligação com as terras anteriormente encontradas e empossadas por Castela, mas também nestas ainda não surge o termo índios ou indígenas.

¹⁰ Ver Boechat, 2015.

¹¹ “Ali, por então, não houve mais fala nem entendimento com eles, por a berberia deles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguém” (Garcia, 2000, p. 23). “Aly por emtam nom ouue mais fala nẽ emtendimento cõ eles por aberberja deles seer tamanha que se nom emtendia nem ouuja njngẽ” (Caminha, 1994, p. 109).

¹² “ouuemos vista dhomeẽs q andauam pela praya obra de bij ou biij” (p. 99).

¹³ “acodirã pela praya homeẽs quando dous quando tres de maneira que quando obatel chegou aaboca do rrio heram aly xbiij ou xx dhomeẽs pardos todos nuus” (p. 99).

¹⁴ “seriam ja na praya asentados junto cõ orrio, obrra de lx ou lxx homeẽs que se juntaram aly poucos epoucos” (p. 101).

se situa o célebre episódio da condução de dois rapazes ameríndios ao navio, para que se reunissem com Cabral; sobre esses jovens, Caminha afirma serem “dous daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos” (p. 20).¹⁵ Se A. G. Cunha afirma, em seu compêndio *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*, que essa designação indica ali apenas “indivíduos da espécie humana, do sexo masculino” (Cunha, 1964), podemos ressaltar que essa escolha, de um termo quase neutro para a época, apenas relacionado à sua humanidade e sexo, pode dizer muito sobre o olhar do sujeito acerca daquele encontro, já que nos permite entrever que ele não dispõe ainda de léxico que considere adequado para os nomear, nem consegue os encaixar em qualquer grupo populacional conhecido.

Da mesma maneira, a carta do escrivão refere-se a “três ou quatro moças, bem moças e bem gentis” (Caminha, 2000, p. 23), ou descreve que “uma daquelas moças era toda tinta” (p. 24), ou que “andava aí outra mulher moça, com um menino ou menina no colo, atado com um pano” (p. 27), e mais adiante narra que “20 ou 30 pessoas das nossas se foram com eles, onde outros muitos deles estavam com moças e mulheres” (p. 29).¹⁶ Caminha, em dado momento, os considera também como “gente bestial e de pouco saber” (p. 28), “gente que ninguém entende” (p. 26), mas, por outro lado, também os vê como “gente de tal inocência” (p. 32), afirmando ainda que essa “gente é boa e de boa simprezidade” (p. 32).¹⁷ Portanto, é possível relacionar essa impossibilidade de uma nomeação que sugira similaridade com qualquer outro povo específico à ideia de seres humanos de aparência, comportamento e

¹⁵ “dous daqueles dhomeës da trra mancebos e de boos corpos” (p. 101).

¹⁶ “tres ou quatro moças bem moças e bem jentijs” (p. 109); “huña daquelas moças era toda timta” (p. 111); “andaua hy outa molher moça com huñ menjno ou menjna no colo atado com huñ pano” (p. 121); “xx ou xxx pesoas das nosas se forã cõ elles onde outros mujtos deles estauam com moças e molheres” (p. 127).

¹⁷ “jente bestial e depouco saber” (p. 125); “jente que njmguem emtende” (p. 117); “jemte de tal jnoçencia” (p. 137); “esta jente he boa e de boa sijnpmezidade” (p. 137).

caráter inteiramente novos. Mestre João prefere apenas os aludir vagamente com pronomes, abstendo-se de utilizar nomenclaturas, e as palavras de Caminha revelam a ideia de que o escrivão reconhece apenas a condição humana deles, sua faixa etária e sua categorização entre masculino e feminino; são somente *homens, mulheres, moças, menino* ou *menina*, são genericamente uma *gente* ali encontrada. A todos esses nomes com alguma generalidade semântica podem ser acrescentadas adjetivações exóticas, negativas, positivas, de acordo com cada observação tecida pelo sujeito.

Com o propósito de criar aos olhos do seu destinatário, o rei português, uma imagem que seja a mais detalhada possível daqueles homens e mulheres, daquela gente da terra, um rol de atributos passa a lhes ser atribuído. Segundo o texto da carta, eles são “homens pardos, todos nus”, “maneira de avermelhados”, vêm “rijos”, têm “bons corpos”, “bons rostos e bons narizes, bem feitos” (Caminha, 2000, p. 19-20), “os seus corpos são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser” (p. 28), e “Andavam todos bem dispostos, e tão bem feitos e galantes com suas tinturas” (p.31).¹⁸ A sua cor, tida como parda nessa primeira visão, ao longo daquele século ainda oscilaria muito em diversos escritos, em uma escala entre branco e negro, mas também passando pelo *avermelhado*, como vemos nessa carta, e pelo *oliváceo*.¹⁹ A extraordinária limpeza neles observada, curiosamente, é motivo para que o escrivão desconfie da proximidade comportamental daqueles habitantes com certos animais. Vale aludir que a maneira como o autor da carta classifica suas características físicas como *boas e bem proporcionadas* pode dizer muito sobre o despontar de uma cosmovisão renascentista. Caminha, assim como Colombo

¹⁸ “homeês pardos, todos nuus” (p. 99); “maneira dauermelhados” (p. 103); “rrijos” (p. 99); “boos corpos” (p. 101); “boõs rrostros e boos narizes bem feitos (p. 103).

¹⁹ Antonio Pigafetta, que participou da viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães, os qualifica como *oliváceos*: “Non son negros completamente; más bien oliváceos” (cf. Pigafetta, 2012), vocábulo que aparece de maneira similar nesse texto em língua italiana.

alguns anos antes²⁰, encontra-se no limiar entre um entendimento medieval de mundo, cercado de vontades e sinais divinos, de ideais cruzados e de relações nobres que ainda reproduzem a suserania e a vassalagem, por um lado, e um novo entendimento, por outro, que enxerga a paisagem e o homem através do retorno a um modelo, à técnica e à euritmia, esta “como forma exterior elegante e o aspecto agradável na adequação das diferentes porções. (...) Assim como no corpo humano existe a natureza simétrica da euritmia a partir do côvado, do pé, do palmo e de outras pequenas partes, o mesmo acontece no completo acabamento das obras.” (Vitruvius, 2007, p. 76). Quando o escrivão português valoriza a disposição e proporção física dos ameríndios, figura naqueles homens da terra a euritmia que seria depois a própria obsessão da arte na busca da tradução numérica da forma do sagrado.

Da mesma maneira, a nudez, que também seria um marcante elemento da arte dos quinhentos, apresentada repetidamente pelo escrivão português, seria tornada também uma constante na construção da imagem dos ameríndios, *tando homens como mulheres*, na literatura de viagens portuguesa e europeia da época. Mesmo sendo os homens mostrados com armas, os arcos e flechas descritos, a constatação de que aqueles homens e mulheres estão nus e em estado inocência sobre sua própria exposição (“Andam nus, sem nenhuma cobertura (...). E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto”, p. 21)²¹ constroi um conjunto de informações que vêm reforçar, na sua descrição, a ideia de homens ainda em estado de Éden, novos, anteriores à queda humana, proporcionados, belos e bons: “a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria mais” (p. 34).²² Segundo essa correspondência, inclusive, não é à toa que Deus lhes deu “bons corpos e

²⁰ Esse limiar em Colombo é mencionado por Todorov, em *A conquista da América* (Todorov, 2010).

²¹ “andam nuus sem nenhuña cubertura (...) e estam açerqua disso com tanta jnocemçia como tem em mostrar orrostro” (Caminha, 1994, p. 103).

²² “asy S^{os} que ajnocência desta jemte he tal que a dadam ão seria mays” (p. 145).

bons rostos como a bons homens, e Ele, que nos per aqui trouxe, creio que não foi sem causa” (p.32).²³

Em relação às mulheres, a *Carta de Caminha* descreve o encontro com algumas moças “bem gentis”, “com cabelos muito pretos (e) compridos” (p. 23), algumas com os corpos cobertos de pinturas.²⁴ Caminha expressa curiosa admiração por seus órgãos sexuais, na concepção do autor, belos, limpos e expostos sem constrangimento ou culpa. Sobre uma das mulheres ameríndias, o escrivão relata que “era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como a dela” (p. 24).²⁵ Também uma mãe ameríndia é apresentada, primeira imagem materna brasileira, “com um menino ou menina no colo, atado com um pano, não sei de quê, aos peitos” (p. 27).²⁶ Nessa correspondência a D. Manuel, Caminha refere-se repetidamente às moças nuas, formosas e em estado inocência, como uma a quem foi dado um pano durante a missa, e que se descuidou tanto que nem se lembrou de usá-lo; esse escrivão, homem europeu medieval-renascentista, demonstra, contudo, ter alguma consciência e respeito pela diferença cultural nesse episódio, e é nesse momento que infere que a inocência daquele povo é como a de Adão no paraíso. Na carta, há, afinal, referência aos dois mancebos degredados e dois grumetes fugitivos deixados na terra quando a frota segue para a Índia, e daí indicam-se os primeiros europeus que oficialmente iriam viver entre os indígenas brasileiros.

²³ “boos corpos e boos rrostros comaaboos homeês. e ele que nos per aquy trouue creio que nom foy sem causa” (p. 139).

²⁴ “moças bem moças e bem jentijs com cabelos mujto compridos” (p. 109); “huũa daquelas moças era toda timta” (p. 111);

²⁵ “era tâ bem feita e tam rredonda e sua vergonha que ela nō tinha tam graciosa que amujtas molheres de nossa trra vendolhe taaes feições fezera vergonha por num teerem asua comeela” (p. 111).

²⁶ “andaua hy outa molher moça com huũ menjno ou menjna no colo atado com huũ pano nō sey deque aos peitos” (p. 121).

A *Relação do piloto anônimo* não permite o acesso direto às palavras utilizadas no original português, já que este foi perdido. Temos apenas as traduções italianas, assim como as futuras versões ao português que delas se fizeram. Mas é, entretanto, possível perceber no texto alguma noção geral que os vocábulos carregam, de modo que demonstram um sentido bastante semelhante ao do léxico da *Carta de Caminha*. Na *Relação* encontramos referência a uma “terra muito abundante em árvores e gente, que por ali andava pela praia”, o capitão logo “mandou ver que gente era aquela” (*Relação...*, 2000, p. 14); narram-se ações dos “homens da terra”, que entram no mar, cantam, dançam em celebração (p. 14), são os “homens daquele lugar”, que ajudam a todos da armada (p. 15), “os homens daquela terra”, que confortam os degredados ali deixados (p. 16), e são mencionadas também “as mulheres”, como “belas mulheres de corpo” (p. 15).²⁷ Quanto à sua características, é descrita como “gente de cor parda, entre branco e preto, e bem proporcionada, com cabelos compridos e andam nus como nasceram” (p. 14), imagem reiterada mais adiante, quando relata que são eles “homens pardos e andam nus (...) seus cabelos são compridos e usam barba rapada” (p. 15). A pintura corporal e os furos nos lábios, a pesca, a falta de entendimento de sua fala, a dança, a música e a festa, também são mais dados incluídos nessa imagem, assim como as mulheres são tidas como “belas mulheres de corpo, os cabelos compridos” (p. 15). Tanto a *Carta de Pero Vaz de Caminha* quanto a *Relação do Piloto Anônimo* colocam os indígenas como *contentes e maravilhados* diante dos presentes dados pelos homens da frota.

²⁷ Mesmo se consideremos que é a tradução e os vocábulos podem ser variáveis nas muitas versões, ao compararmos com a versão publicada por Jaime Cortesão, fica perceptível que as noções são semelhantes, como a “gente que andava pela praia”, ou “O nosso Capitão mór mandou deitar fóra hum batel, para ver que povos erão aquelles”, ou “acharão gente parda, bem disposta” (*Relação...*, 1994, p. 145). A inclusão da noção de *povos*, no plural, é a única diferença considerável que podemos sublinhar, mesmo assim, ainda se mantém um léxico sem a carga negativa utilizada na época para povos não-cristãos e não-europeus.

Entre 1500, ano da chegada da frota de Cabral, e 1531, ano em que a expedição comandada por Martim Afonso de Sousa avista a costa do Nordeste Brasileiro, começa a se espalhar pela Europa, em várias línguas e países, o conjunto de informações que compõe a imagem desse Novo Mundo e dessa que é caracterizada como uma nova gente. A *Carta do D. Manuel para os Reis Católicos*, de 1501, escrita por este que é o principal destinatário da *Carta de Caminha*, da *Carta de Mestre João* e de outros possíveis relatos desaparecidos, também teve seu original perdido, sendo conhecida somente através de cópias. Desse modo, também sem acesso direto ao texto escrito, podemos observar apenas algumas noções gerais passadas aos reis espanhóis, como a de que a armada de Pedro Álvares “achou as gentes nuas como na primeira inocência, mansas e pacíficas” (D. Manuel, 2000, p. 42).²⁸ Também são importantes nessa disseminação da imagem da população da Vera Cruz, ou da já batizada como Santa Cruz, as cartas de italianos, diplomatas, navegadores e comerciantes. A carta de Américo Vespúcio, de 4 de junho de 1501, é um desses exemplos, com a menção a uma terra recém-descoberta por Portugal e a “gente branca e nua” que nela reside (Vespúcio, 2000, p. 40). A correspondência de Giovanni Matteo Cretico, de 27 de junho de 1501, também se propõe a dar notícia do descobrimento de uma terra nova e aponta que “Habitam-na homens nus e formosos” (Cretico, s./d., p. 146). Ambas as cartas refletem a difusão da ideia de uma nova gente ou desses novos homens descobertos, com elementos que coincidem com a *Carta de Caminha* e na *Relação do piloto anônimo*, como a nudez e a beleza,²⁹ exceto pela característica da

²⁸ Em cópia castelhana, atribuída a D. Joaquim Traggia e publicada por Jaime Cortesão lê-se: “Santa Cruz, en la cual halló las gentes desnudas como en la primera inocencia, mansas y pacíficas” (D. Manuel, 1994, p. 181).

²⁹ Também a publicação da coletânea italiana de Montalboddo, *Paesi novamente ritrovati*, em 1507, a mesma que tornou conhecida a *Relação do Piloto Anônimo*, contribui singularmente para a cristalização da ideia do descobrimento do Brasil e para a disseminação de um conjunto de características de seus habitantes.

cor parda descrita por esses relatos e que passa a ser difundida pelos italianos como branca. A desnudez dos homens e mulheres da nova terra a sudoeste do Atlântico estaria também mencionada em legendas, como a do famoso mapa de 1502 conhecido como *De Cantino* (“Andam nus, homens e mulheres como suas mães os pariu. São mais brancos que baços e têm cabelos corredios”, Planisfério..., 2000, p. 44), e estaria ainda desenhada nos muitos planisférios e em pinturas que se produziriam e integrariam o conjunto de informações sobre aquele *novo povo*.

Um importante documento, que não foi publicado, não se tornando modelo a outras obras da época, mas que foi lido ao rei e à corte em 1503, pode demonstrar a transformação das informações referentes à imagem do ameríndio junto aos nobres de Portugal. A *Auto Notarial de Valentim Fernandes*, escrito por um tabelião morávio que habitava em Lisboa, reforça algumas noções e traz alguns novos dados: “Os homens são de cor parda, de cabelo negro, comprido e corredio, (...) estatura pequena, corpo robusto, rosto largo, olhos pequenos (...). Todos os homens são imberbes” (Fernandes, 2000, p.45). Essa certidão, que visa a atestar a autenticidade de uma pele de jacaré e de uma figura enviada a Bruges (cf. Amado e Figueiredo, 1997), é tida como primeira descrição das terras e gentes brasileiras a mencionar que os indígenas comem carnes “humanas dos inimigos” (Fernandes, 2000, p. 45). Essa notícia, que começaria a se espalhar pela Europa, é proveniente da volta da segunda expedição oficial e de homens europeus que lá viveram, aprofundando de certa maneira a descrição daquele povo ameríndio, como é referido pelo próprio autor do documento. O costume antropofágico pode ser uma das grandes contribuições para a gradual mudança de sentido da imagem e descrição dos indígenas brasileiros junto ao velho continente naquela primeira década da presença europeia na América do Sul, atribuindo assim a esses ameríndios uma imagem bastante contraditória. De homens e mulheres

edênicos, bons e belos como a forma do paraíso, em nudez e inocência pré-adâmica, agora também são descritos como capazes de carregar um costume absolutamente perturbador aos olhos dos europeus da época, a ingestão de carne humana. Esse elemento basilar da cultura bélica dos primeiros ameríndios contactados pelos portugueses, a antropofagia ritual, jamais poderia ser compreendido pelo homem europeu cristão medieval-renascentista, e seria logo depois encarado como um dos grandes males a serem extirpados com a conversão em massa daquela população, arruinando consigo todo um vasto conjunto identitário (cf. Monteiro, 1994).

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. A certidão de Valentim Fernandes, documento pouco conhecido sobre o Brasil de 1500. In *Textos de História*. v. 5, (f 2), 1997. p. 133-142.

BOECHAT, Virgínia. Famílias viajantes, famílias empreendedoras, famílias em pecado mortal: laços familiares e o Novo Mundo português dos quinhentos. In FERREIRA, António Manuel (ed.). *Forma Breve*. n. 12. Aveiro: DLC/ UA, 2015. p. 271-288.

CAMINHA, Pero Vaz de. A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha (Fac-símile e transcrição). In CORTESÃO, Jaime. *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994. p. 95-151.

____. Carta de Pero Vaz de Caminha para D. Manuel. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 17-34.

CRETICO, Giovanni Matteo. Anexo I: Carta de Giovanni Matteo Crético ao Doge Barbarigo. In GUEDES, Max Justo. *O descobrimento do Brasil*. Pref. Da Luís de Albuquerque. Lisboa: Veja, s. d. p. 145-148.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da literatura de viagens. In ____ (coord.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: estudos, bibliografias*.

Reimpressão. Coimbra: Almedina; Centro de Literatura de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002.

D. MANUEL. Carta de D. Manuel aos reis católicos. In CORTESÃO, Jaime. *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*. Lisboa: IN-CM, 1994. P. 181-186.

_____. Carta de D. Manuel para os reis católicos. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 42.

FERNANDES, Valentim. Auto notarial de Valentim Fernandes. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 44-46

GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LEGENDA DO PLANISFÉRIO PORTUGUÊS ANÓNIMO DE 1502. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 43-44.

MESTRE JOÃO. Carta de Mestre João [Transcrição]. In CORTESÃO, Jaime. *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*. Lisboa, 1994. p. 143-144.

_____. Carta de Mestre João para D. Manuel. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 35-37.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 2 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PIGAFETTA, Antonio. *Primer viaje alrededor de mundo*. Ed. digital. Barcelona: Linkgua Digital, 2012.

RELAÇÃO DA VIAGEM DA FROTA COMANDADA POR PEDRO ÁLVARES CABRAL. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do*

Brasil nos textos de 1500 a 1571. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 12-16.

RELAÇÃO DO PILOTO ANÓNIMO. In CORTESÃO, Jaime. In CORTESÃO, Jaime. *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*. Lisboa: IN-CM, 1994. p. 145-166.

TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Traducción Flora Botton Burlá. 2 ed. México: Siglo XXI, 2010.

VESPÚCIO, Américo. Carta de Américo Vespúcio de 4 de junho de 1501. In GARCIA, José Manuel (org.). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Edição especial comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 39-40.

VITRÚVIO. *Tratado de arquitetura*. Trad., introd. e notas M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Virgínia Boechat é pesquisadora da área de Literatura Portuguesa, é professora e poeta. Formada pela UFRJ, Mestre pela PUC-Rio e Doutora pela USP, realizou pós-doutorado na Universidade de Aveiro, Portugal, entre 2014 e 2016, pesquisa da qual faz parte este estudo.